



**Ivan Vale de Sousa
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento
nas Letras, Linguísticas e Artes**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
DOI 10.22533/at.ed.2891902041	
CAPÍTULO 2	9
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
DOI 10.22533/at.ed.2891902042	
CAPÍTULO 3	18
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2891902043	
CAPÍTULO 4	34
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2891902044	
CAPÍTULO 5	47
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.2891902045	
CAPÍTULO 6	54
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902046	
CAPÍTULO 7	66
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2891902047	
CAPÍTULO 8	76
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902048	

CAPÍTULO 9	89
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2891902049	
CAPÍTULO 10	101
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020410	
CAPÍTULO 11	110
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020411	
CAPÍTULO 12	124
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
DOI 10.22533/at.ed.28919020412	
CAPÍTULO 13	136
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
DOI 10.22533/at.ed.28919020413	
CAPÍTULO 14	145
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020414	
CAPÍTULO 15	154
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28919020415	
CAPÍTULO 16	165
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.28919020416	

CAPÍTULO 17	174
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
Maria Aparecida de Castro	
Maria Aparecida Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.28919020417	
CAPÍTULO 18	185
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.28919020418	
CAPÍTULO 19	192
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
Verônica Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.28919020419	
CAPÍTULO 20	210
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
Antônio Matosinho de Sousa Júnior	
Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.28919020420	
CAPÍTULO 21	218
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
Lidiomar José Mascarello	
DOI 10.22533/at.ed.28919020421	
CAPÍTULO 22	230
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
Luciane Trennephol Da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020422	
CAPÍTULO 23	244
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado	
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	
DOI 10.22533/at.ed.28919020423	
CAPÍTULO 24	257
AS IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
Vanessa Makohin Costa Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020424	

CAPÍTULO 25	267
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle	
Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.28919020425	
CAPÍTULO 26	280
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020426	
CAPÍTULO 27	291
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola	
Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020427	
CAPÍTULO 28	305
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020428	
CAPÍTULO 29	315
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira	
Maíra da Silva Gomes	
Maica Frielink Immich	
DOI 10.22533/at.ed.28919020429	
CAPÍTULO 30	324
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda	
Vicente Martínez Barrios	
DOI 10.22533/at.ed.28919020430	
SOBRE O ORGANIZADOR	335

A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ

Luciane Trennephol Da Costa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-
OESTE – UNICENTRO
IRATI, PARANÁ

RESUMO: Neste estudo, analisamos registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polonês e ucraniano, faladas no interior do Paraná, relacionando-os à identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. A imigração eslava foi forte no estado e sua cultura manifesta-se na culinária, arquitetura, rituais religiosos e no uso linguístico. Em face da inevitabilidade da morte e de sua não aceitação, os cemitérios são lugares privilegiados de manifestação da individualidade e subjetividade humana. Os dados pertencem a um arquivo iconográfico montado para esta pesquisa e a análise baseia-se na perspectiva de esquema de Droogers (2008) e nos conceitos de ideologia e palavra na perspectiva bakhtiniana. Os dados analisados demonstram que os túmulos são concretizações dos esquemas étnico e religioso com forte identidade eslava.

PALAVRAS-CHAVE: Cemitérios, Cultura Eslava, Identidade, Língua Polonesa, Língua Ucraniana.

ABSTRACT: Linguistic registers in Slavic languages, such as Polish and Ukrainian, on

tombstones and graves are analyzed. The languages, spoken in the interior of the state of Paraná, Brazil, are related to the ethnic identity of the descendants of Slavic immigrants. Immigration of Slavic populations was strong in the state and its culture is manifest in food, architecture, religious rites and languages. Due to the unavoidability of death and its non-acceptance, cemeteries are chosen places to manifest one's individuality and human subjectivity. Data belong to an iconographic file prepared for current research. Analysis is based on Droogers's scheme (2008) and on Bakhtin's concepts of ideology and word. Data analyzed demonstrate that the tombstones are the materialization of ethnic and religious schemes with deep Slavic identity.

KEYWORDS: Cemeteries. Slavic Culture. Identity. Polish. Ukrainian.

1 | INTRODUÇÃO

Como parte da cultura humana, os cemitérios têm sido objeto de estudos variados que ora versam acerca das obras artísticas existentes neles (FERNANDES, 2017), ora acerca das representações da morte expressas neles (STEYER, 2008). Neste trabalho, vamos discutir algumas leituras possíveis de lápides e túmulos de descendentes eslavos, poloneses e

ucranianos, no interior do Paraná. A partir dos registros escritos em túmulos e lápides, analisaremos alguns aspectos linguísticos e a representação da identidade eslava refletida nestes registros ancorados nos conceitos teóricos de esquema (DROOGERS, 2008) e de palavra e ideologia na perspectiva bakhtiana.

A região sudeste do Paraná concentra muitos descendentes de eslavos que vieram para o Brasil a partir da metade do século XIX para efetuar a colonização do interior do estado. No período compreendido entre 1889 e 1892, conhecido como “febre brasileira” (WACHOWICZ, 2002), milhares de colonos e proletários vieram para o Brasil. Antes do Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, promulgado por Getúlio Vargas, que proibiu o ensino *em* idioma estrangeiro, o ensino *de* idioma estrangeiro a menores de quatorze anos e estabeleceu que a publicação em idioma estrangeiro estava sujeita à autorização e registro prévios no Ministério da Justiça, existiam 167 escolas bilíngues polonês/português no Paraná e eram editados vários jornais em língua polonesa (BIELENIN-LENCZOWSKA e STĄPOR, 2017) e também em língua ucraniana, o jornal Prácia é editado até hoje em Prudentópolis, município da região. Mesmo após o período de nacionalização e ajudados pelo relativo isolamento no interior do Paraná, os descendentes eslavos preservaram sua cultura. Esta é muito presente e expressa na arquitetura, na culinária, nos grupos folclóricos, nos rituais religiosos e nas línguas eslavas, polonês e ucraniano, faladas na região. Pesquisadores da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, objetivando mapear e investigar o patrimônio material e imaterial eslavo na região de abrangência da universidade, constituíram o Programa Permanente de Extensão Núcleo de Estudos Eslavos – NEES. Dentre as muitas ações do NEES, está a criação de um banco de dados de fala eslava, o VARLINFE, nos moldes da sociolinguística quantitativa laboviana (GÄRTNER e COSTA, 2017). O Varlinfe propicia investigações acerca do português brasileiro falado no Paraná e das possíveis contribuições das línguas eslavas para sua constituição. Atualmente, o acervo do banco possui entrevistas sociolinguísticas de descendentes eslavos de sete cidades: Cruz Machado, Irati, Ivaí, Mallet, Prudentópolis, Rebouças e Rio Azul. Dentre os dados do Varlinfe, destaca-se o registro de muitos descendentes que têm, ainda hoje, a língua eslava, polonês e ucraniano, como primeira língua e o fato de que muitos falantes são bilíngues, falam português e polonês ou ucraniano, e até trilingues, falam português, polonês e ucraniano (COSTA E LOREGIAN-PENKAL, 2015).

Os rituais religiosos como missas, casamentos e funerais são uma parte importante e ativa da cultura eslava dos descendentes, sendo proferidos em língua polonesa ou ucraniana. Apesar disto, de haver celebrações religiosas e falantes de línguas eslavas no interior do Paraná, tais línguas sofrem e participam do silenciamento do multilinguismo brasileiro. País com 270 línguas vivas, sendo destas 219 línguas indígenas e 51 línguas de imigração, mas que conforme Oliveira e Altenhofen (2011, p. 193): “Não obstante essa constatação, domina a imagem de país monolíngue, de proporções continentais, onde se fala supostamente uma única e homogênea

variedade do português”.

Neste texto, vamos observar como a identidade eslava expressa-se no ritual religioso específico da morte. Os cemitérios são espaços de preservação da memória individual e coletiva, são verdadeiros museus a céu aberto nos rincões do Brasil e do Paraná. E a situação de abandono que geralmente encontramos neles reflete a situação das línguas eslavas faladas no interior do Paraná. Elas existem, ainda são a primeira língua de muitos descendentes, são utilizadas em contextos familiares e religiosos; mas não pouco legitimadas socialmente e não têm quase nenhum investimento. Estão lá, mas de certa forma são invisíveis ao poder público e à história linguística brasileira. As lápides de concreto estão lá, mas são como um concreto invisível, pois ninguém as vê. Seguindo com a metáfora sensorial, ninguém as vê, mas as lápides falam e neste texto vamos *ouvir* um pouco do que elas têm a nos dizer.

2 | OS CEMITÉRIOS E A IDENTIDADE ESLAVA

O mistério da morte é a fatalidade inexorável ao ser humano e todas as culturas têm seus rituais específicos para esse momento. Seguimos aqui Morin e consideramos os cemitérios *locus* privilegiado de marcas identitárias que revelam o intuito e o desespero do ser humano em conservar sua individualidade e identidade mesmo depois da morte. Essas marcas podem concretizarem-se em linguagem visual através de fotos, por exemplo, e em linguagem verbal através de epígrafes nos túmulos.

Morin (1988, p.88) em extenso tratado acerca da morte, considera a linguagem como um elo entre o animal e o antropológico no homem. Para ele, a linguagem serve à comunicação, mas também humaniza o animal humano:

A linguagem não vai somente permitir a cultura e a comunicação, isto é, a sociedade. Vai participar no grande processo antropológico de intercâmbios entre o homem e o mundo, de acordo com o duplo movimento de cosmomorfização do humano e de antropomorfização da natureza.

A linguagem nomeia o mundo natural e o mundo das ideias e emoções humanas, portanto ela evoca estados subjetivos e pode veicular toda a afetividade humana. Ao permitir os intercâmbios cosmoantropomórficos, a linguagem afirma a individualidade do locutor (MORIN, op. cit., p. 89). Se a linguagem para Morin permite a expressão da individualidade, a morte é um trauma que instaura o triplo dado antropológico: a consciência humana da morte, o traumatismo da morte, vivenciado na ausência de entes queridos e na ciência da finitude da vida, e, por terceiro, a crença na imortalidade, segurança garantida pelos rituais religiosos. Conforme Steyer (2008, p.62), quando o homem passa a ter consciência da morte e de sua inevitabilidade, fica traumatizado por não querer perder sua individualidade. Para este autor, ao negar a morte, acreditando na ressurreição ou reencarnação, o homem nega a si mesmo e a sua condição de humano. Ao estudar variadas representações e manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul, como fotografias,

estátuas e mausoléus, o referido autor chega à conclusão de que essas manifestações concretizam a tendência humana de negar a morte como o aniquilamento total da existência. Para o autor, o que se aceita é a morte como transcendência, como ponte para um outro mundo, daí a preservação das características individuais de cada um. E para carregar à imortalidade, as pessoas querem apenas as virtudes, as qualidades:

E este é um ponto interessante: as características particulares que todos pretendem infinitas são as virtudes, as boas recordações; tudo de ruim que o finado tinha realmente morreu. Acabou definitivamente. O homem não deseja que seus fracassos e limitações, inerentes a qualquer ser humano, sejam imortais. Ele quer exaltar suas qualidades, que para sempre deverão continuar vivas. (Steyer, 2008, p. 89)

Desta forma, o túmulo revela-se um marco identitário da pessoa na cultura humana, sua forma, características e linguagem refletem a individualidade que carnalmente ali se encerra. Mas que, no campo religioso, continuará em outra dimensão. Os rituais religiosos são importantes refúgios de segurança para o homem ante o fenômeno da morte. Droogers (2008) ao estudar o caso dos imigrantes luteranos da Pomerânea na cidade de Santa Maria do Jetibá, no Espírito Santo, ressalta a relação entre religião, identidade e segurança ontológica. O autor utiliza como arcabouço teórico em sua análise o conceito de *esquema* criado na antropologia cognitiva de abordagem conexionista (Bloch, 1998; D'Andrade, 1995; Strauss e Quinn, 1997 apud Droogers, 2008). Segundo o autor, essa abordagem enfatiza o papel das conexões físicas entre neurônios no cérebro, formando os esquemas. Estes são definidos como redes de elementos cognitivos que representam conceitos armazenados na memória:

Os esquemas podem ser entendidos como diminutos cenários (ou enredos ou protótipos ou modelos) culturalmente aceitas, para, ou de, determinada ação, pensamento, emoção ou sensação. Eles tornam a vida previsível, e, por isso, segura. No entanto, em caso de insegurança crescente eles também permitem flexibilidade e adaptação na interação entre pessoas, ajudando a superar uma experiência social ou pessoal de crise (DROOGERS, 2008, p. 14).

Baseados na experiência física, os esquemas são maleáveis e podem modificarem-se e acomodarem-se à novas realidades, mas sua relativa estabilidade garante segurança. E principalmente os esquemas étnicos e religiosos são refúgios de segurança ontológica e de identidade. Para o referido autor, o caso dos imigrantes pomeranos em Santa Maria de Jetibá mostra como dois repertórios de esquemas diferentes, um étnico alemão e um religioso luterano, podem ser reunidos para fortalecer um ao outro (DROOGERS, op. cit., p. 38).

A manutenção das línguas eslavas, e seus registros escritos em túmulos aqui analisados, são parte importante da identidade dessas comunidades no interior do Paraná. Conforme Bakhtin, a palavra é “o fenômeno ideológico por excelência... é o modo mais puro e sensível de relação social.” (2006, p. 36). Um século de vivência no Brasil arrefeceu o vigor do polonês e do ucraniano no interior do Paraná, mas ainda os falantes mantêm as línguas e a cultura eslava. Consideramos aqui o valor da palavra não apenas como item lexical cuja escolha revela valores ideológicos, mas como um

modo de experienciar e representar a realidade calcada na ideologia:

O valor exemplar, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias.” (BAKHTIN, 2006, p.36)

As comunidades de descendentes eslavos ao praticar as línguas eslavas em suas interações familiares e em seus rituais religiosos, estão escolhendo vivenciar estas práticas em polonês ou ucraniano, vivendo num país que tem o português como língua oficial e cuja população majoritariamente fala apenas a língua portuguesa. Estes falantes marcam sua identidade, distinguindo-a dos demais no entorno. Conforme Stella (2010, p. 178) “A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva.”.

3 | O CONCRETO INVISÍVEL

As fotografias apresentadas neste texto são parte de um acervo iconográfico montado para esta pesquisa em saídas a campo. Seguimos a análise de Droogers (2008) e analisamos alguns cemitérios de descendentes eslavos no interior do Paraná, considerando os túmulos neles existentes como concretizações de seus esquemas étnicos e religiosos.

Considerando as abordagens teóricas da seção anterior, os cemitérios são espaços físicos cujas informações presentes nos túmulos através da imagem ou da escrita revelam valores importantes sobre a religiosidade e a identidade étnica. Para Von Borstel e Martiny (2011), pelos símbolos icônicos e pela escrita as pessoas narram-se na sua ancestralidade e identidade:

De acordo com a forma escrita nas lápides, a morte pode assumir um papel de marcador religioso, cultural e étnico, pois não apenas sua cultura material aponta aspectos da religiosidade, mas também os símbolos e ritos fúnebres e os necrológicos demonstram a vinculação dos familiares, pelas suas atitudes religiosas, pelas crenças e mesmo pelas suas superstições de uma forma de familiaridade a sua identidade de origem étnica/cultural.

(VON BORSTEL e MARTINY, 2011, p.12)

Além do intenso uso oral em rituais religiosos e contextos familiares, os esquemas religiosos dos descendentes eslavos são marcados por registros escritos variados. Na Figura 1, podemos observar a entrada do cemitério de Prudentópolis com escrita primeiro em ucraniano e depois em português. Nos registros escritos, geralmente aparece primeiro a língua eslava e após o registro em português. Ou seja, a *tradução* é em português. Na Figura 2, cartaz na igreja antiga do Rio do Banho, localidade dos primeiros imigrantes poloneses em Cruz Machado.



FIGURA 1 – Entrada do cemitério de Prudentópolis



FIGURA 2 – Cartaz na igreja antiga de Rio do Banho

Essa igreja é a originalmente construída pelos imigrantes em 1911. Os descendentes ergueram uma nova, mas fizeram questão de conservar a construção original, como podemos observar na Figura 3.



FIGURA 3 – Igrejas na localidade de Rio do Banho

Na mesma comunidade, ainda sobrevivem os túmulos dos primeiros imigrantes vítimas da febre tifoide que dizimou muitas famílias. Os túmulos não têm identificação e provavelmente são valas comuns de vários cadáveres. As condições precárias, sem condições de higiene e amontoados em pequenos casebres, nas quais viviam os imigrantes poloneses nos tempos da chegada no Brasil (GLUCHOWSKI, 2005) são tidas como um dos fatores para o desencadear da febre na localidade. Nas Figuras 4 e 5, podemos observar esses túmulos centenários.



FIGURA 4 – Cemitério do Rio do Banho



FIGURA 5- Túmulo de um imigrante polonês no cemitério do Rio do Banho

Uma peculiaridade dos cemitérios da região investigada é uma espécie de cerca ao redor do túmulo. O material da cerca varia: madeira ou ferro, e a cerca é construída em covas, como podemos observar na Figura 6 e mesmo em túmulos de laje. O mesmo costume é registrado no cemitério mais antigo de Varsóvia, na Polônia, o *Darczyncy Cmentarza Powązkowskiego* com túmulos da mesma época da colonização, como podemos observar nas Figuras 7 e 8.



FIGURA 6 – Cova com cerca no cemitério do Rio do banho



FIGURA 7 – Túmulos com cerca no *Darczyncy Cmentarza Powązkowskiego* em Varsóvia, na Polônia



FIGURA 8 – Túmulo com cercado de madeira no *Darczyncy Cmentarza Powązkowskiego* em Varsóvia, na Polônia

Como referimos na seção anterior, conforme Steyer (2008), e, face da morte as pessoas querem preservar sua individualidade e seus bons valores e virtudes. Também seu matrimônio, visto que muito túmulos são conjugados acolhendo um casal. Nas Figuras 9 e 10 (em detalhe) podemos observar um túmulo de casal na cidade de Rio Azul.



FIGURA 9 – Túmulo de casal em Rio Azul



FIGURA 10 – Detalhe do túmulo da Figura 9

Na Figura 11, também observamos um túmulo de casal localizado no cemitério de Prudentópolis com escrita em ucraniano com data mais recente, 1979. Na última linha, a inscrição em português.



FIGURA 11 – Túmulo de casal em Prudentópolis



FIGURA 12 – Cruz centenária no cemitério de Rio azul

Na figura 12, vemos uma cruz centenária, encontrada ao lado do túmulo reformado em Rio Azul. O túmulo foi reformado, mas a escrita em língua polonesa manteve-se, como pode ser observado na Figura 13. O adjetivo *zmarły*; que em polonês significa falecida, morta; está registrado como *zmarra* forma não encontrada nas declinações do adjetivo no polonês. Muitos registros não seguem a forma ortográfica padrão da língua polonesa. A representatividade dos registros linguísticos nos túmulos é intensificada se levarmos em conta que os imigrantes era em sua maioria analfabetos: “Entretanto, na sua maioria, os imigrantes eram camponeses pobres e atrasados.” (WACHOWICZ, 2002, P.19). E mesmo assim, com pouco contato com a língua escrita, faziam questão de mantê-la nos túmulos.



FIGURA 13 – Túmulo reformado com manutenção da língua polonesa

Mesmo com a constância da manutenção do esquema religioso entre os descendentes dos imigrantes eslavos no interior do Paraná, em ritos religiosos como missas e funerais e aqui ilustrada com os registros linguísticos em túmulos; como vimos na seção anterior, os esquemas são maleáveis e modificáveis conforme as experiências vividas. Na Figura 14, podemos observar um túmulo de casal, no cemitério de Prudentópolis, no qual o registro do marido, falecido em 1968, foi escrito em língua ucraniana. Já o registro da morte da esposa, falecida em 2005, foi feito em português.



FIGURA 14 – Túmulo de casal em Prudentópolis

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos registros de língua eslavas em cemitérios do interior do Paraná, região sudoeste, e discutimos as marcas identitárias existentes neles. Os túmulos analisados mostram a identidade eslava na língua, pois mesmo entre imigrantes e descendentes pouco letrados existia o esforço para o registro em língua eslava. O esquema religioso é pautado também pela manutenção de práticas como a cerca ao redor do túmulo. Mesmo com as políticas linguísticas coibidoras como o Decreto 406 e a ausência de incentivo e pouca legitimidade social das línguas eslavas, a identidade se mantém. Há também uma forte relação entre os esquemas religiosos e étnicos, característica de imigrantes europeus no século XIX.

Os cemitérios centenários espalhados pela região são museus a céu aberto em plena deteriorização e materializam o plurilinguismo existente no Brasil. Nossa pesquisa e sua socialização, bem como outras, pode contribuir para desmistificar a imagem monolinguista brasileira e registrar a presença de outras línguas faladas no Brasil.

REFERÊNCIAS

BELLANO, H. R. (org.) **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

BIELENIN-LENCZOWSKA, K. e STĄPOR, I. Language as cultural heritage. Linguistic practices of the descendants of Poles in Southern Brazil. In: **Revista Del CESLA**. Nº 20, p. 39-56, 2017.

COSTA, L. T. e LOREGIAN-PENKAL, L. “A coleta de dados do banco VARLINFÉ – variação linguística de fala eslava: peculiaridades e características.” In: **Revista Conexão UEPG**. v. 11, n. 1, 2015. Págs. 100-110.

DROOGERS, A. Religião, Identidade e Segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia no Espírito Santo (1880-2005). In: **Religião e Sociedade**. 28(1), p. 13-41, 2008.

FERNANDES, R. de S. B. Da “representação do ausente”: corporeidade em arte tumular de cemitério de Coimbra, Portugal. In: **Revista Interfaces**. V. 8, p. 116-126, 2017, Edição Especial.

GÄRTNER, M. e COSTA, L.T. Charakterystyka kultury słowiańskiej w interiorze stanu Paraná w Brazylii. In: **Polacy i ich potomkowie w Ameryce Łacińskiej**. Gdynia: Muzeum Emigracji, p. 109-120, 2017.

GLUCHOWSKI, K. **Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil**. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

MORIN, E. **O homem e a morte**. 2. ed. Tradução de João G. Boto e Adelino dos S. Rodrigues. Portugal: Publicações Europa-América, 1988.

OLIVEIRA, G.M. de e ALTENHOFEN, C. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística no Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e sociedade. In: **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. MELLO, H., ALTENHOFEN, C. e RASO, T. (orgs.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

STEYER, F. A. Representações e manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul. In: **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade e Ideologia**. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

VON BORSTEL, Clarice Nadir e MARTINY, Franciele Maria. A religiosidade e a escrita alemã em lápides do cemitério. In: **Anais do I Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano e X Seminário Nacional de Literatura, História e Memória**. Cascavel, Paraná. 2011.

WACHOWICZ, R. C. **As Escolas da Colonização Polonesa no Brasil**. Curitiba: Champagnat, 2002.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289